



Ações verdes: como a sustentabilidade está mudando o mundo dos investimentos

**Por Tiago Reis, CEO da casa de análise financeira [Suno Research](#)*

Uma empresa não é mais unicamente uma empresa. Soa confuso? Atualmente, as instituições visam construir uma identidade, engajar o seu público e sempre que possível, se alinham às causas sociais com as quais se identificam. Uma das mais populares é a preservação do meio ambiente. Sob holofotes de ONGs, mídia e até mesmo a própria população, as companhias alteram produtos e posicionamentos. Uma mancha na reputação da companhia pode acabar custando caro.

O exemplo mais recente é do rompimento da barragem em Brumadinho, Minas Gerais. Além do estrago ambiental, a Vale carrega a responsabilidade por desaparecimentos e mortes. Enquanto os números do acidente aumentam, o [valor de mercado](#) da empresa cai. Nos três primeiros dias após o desastre, a queda foi de R\$ 70 bilhões de reais; o que impactou até mesmo a Ibovespa. A queda da instituição foi a maior perda em um único dia na Bolsa brasileira, superando o rombo da Petrobras em 2018, que perdeu R\$ 47 bilhões. Antes, a Vale era a terceira maior empresa na Bolsa; hoje, está na sexta colocação. O rebaixamento também atingiu as notas de crédito da organização. A agência de risco Fitch, reclassificou a corporação de BBB+ para BBB- e avisa investidores: a situação pode piorar ainda mais com a companhia deixando o [índice de empresas limpas da B3](#).

No exterior, a Volkswagen também contabiliza os danos. Apesar de 2019 ter acabado de começar, o chefe da [compliance da empresa](#) anunciou, em dezembro, que esse ano será o mais difícil para a empresa. O que acontece agora é um reflexo do deslize de 2015. A instituição usou um software fraudulento que permitiu que até 11 milhões de carros VW, Porsche e Audi entrassem em modo de baixa emissão quando estavam sendo testados em um laboratório. Mas, na verdade, os automóveis continuavam a emitir a poluição de óxido de nitrogênio em condições reais de circulação. O escândalo já custou mais de 20 bilhões de euros.

Nos dias seguintes ao julgamento contra a empresa, as ações da Volkswagen caíram 40%. Claro que existem muitas outras variáveis que determinam o apogeu e declínio de ações. Mas para esse caso, considero interessante ressaltar dois fatores: a credibilidade do negócio e o cenário que a rodeia.

Com este tipo de impacto, não só a imagem da empresa fica abalada, como também a estabilidade que ela transmitia na bolsa, para acionistas, para o setor e até mesmo para as concorrentes. Além dessa bola de neve de má

fama, o cenário atual é um panorama que está cada vez mais humanizado e que cobra a mesma postura por parte das organizações. Ao compreender essa mudança de paradigma, até mesmo as bolsas de valores criaram índices e classificações que reúnem instituições sustentáveis.

Um exemplo é o ISE (Índice de Sustentabilidade Empresarial) e o ICO2 (Índice de Carbono Eficiente) da B3. Tais índices concretizam as demandas de desenvolvimento sustentável e funcionam como ferramentas de análise e comparação. À primeira vista pode parecer que as carteiras ecológicas sejam burocráticas. Com tantas responsabilidades e detalhes ecológicos, o senso comum nos leva a crer que tais empresas não sejam interessantes. Para refutar essa ideia, basta observar a performance da carteira do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE).

Desde a sua criação, em 2005, o índice soma uma valorização de 203,80%, enquanto a Ibovespa acumula 175,38%. Na mesma proporção de que a valorização aumenta, a volatilidade da carteira se mantém baixa. Enquanto a Ibovespa tem 27,04% de oscilações, a carteira contabiliza 24,22%. Essas iniciativas são recentes, mas indiretamente, indicam que futuramente, pode não haver tanto espaço para empresas que colocam o meio ambiente em segundo plano.

Nos próximos anos, temas como "transparência" e "sustentabilidade" podem se tornar cada vez mais recorrentes. Toda modificação traz riscos e oportunidades e se bem administrada, essa mudança de paradigma pode se tornar um diferencial estratégico.

Sobre Tiago Reis

Formado em administração de empresas pela Fundação Getúlio Vargas, Tiago Reis é Fundador e CEO da [Sun Research](#), consultoria de análise financeira voltada para investidores individuais. Analista de Investimentos com certificação da CNPI (Certificação Nacional dos Profissionais de Investimento), Tiago iniciou sua carreira na Set Investimentos e é especialista em assuntos como mercado financeiro, bolsa de valores, investimentos, fraudes corporativas e finanças corporativa.

19/02/2019

Advertência: As informações econômico financeiras apresentadas no [Acionista.com.br](#) são extraídas de fontes de domínio público, consideradas confiáveis. Entretanto, estas informações estão sujeitas a imprecisões e erros pelos quais não nos responsabilizamos. As opiniões de analistas, assim como os dados e informações de empresas aqui publicadas são de responsabilidade única de seus autores e suas fontes. O objetivo deste portal é suprir o mercado e seus clientes de dados e informações bem como conteúdos sobre mercado financeiro, acionário e de empresas. As decisões sobre investimentos são pessoais, não podendo ser imputado ao [acionista.com.br](#) nenhuma responsabilização por prejuízos que eventualmente investidores ou internautas, venham a sofrer. O [Acionista.com.br](#) procura identificar e divulgar endereços na Internet voltados ao mercado de informação, visando manter informado seus usuários mais exigentes com uma seleção criteriosa de endereços eletrônicos. Essa divulgação é de forma única, e os domínios divulgados são direcionados a todos os internautas por serem de domínio público. Contudo, enfatizamos que não oferecemos nenhuma garantia a sua integralidade e exatidão, não gerando, portanto, qualquer feito legal.